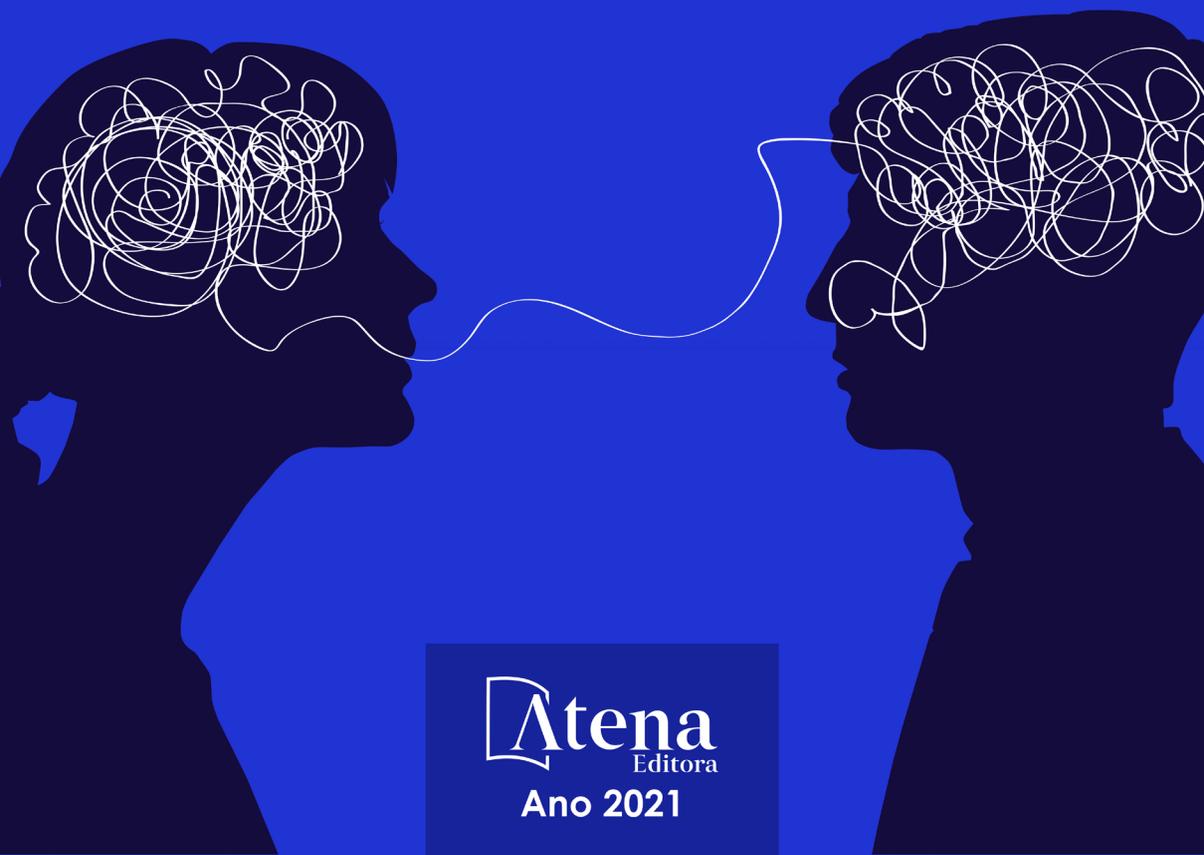


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

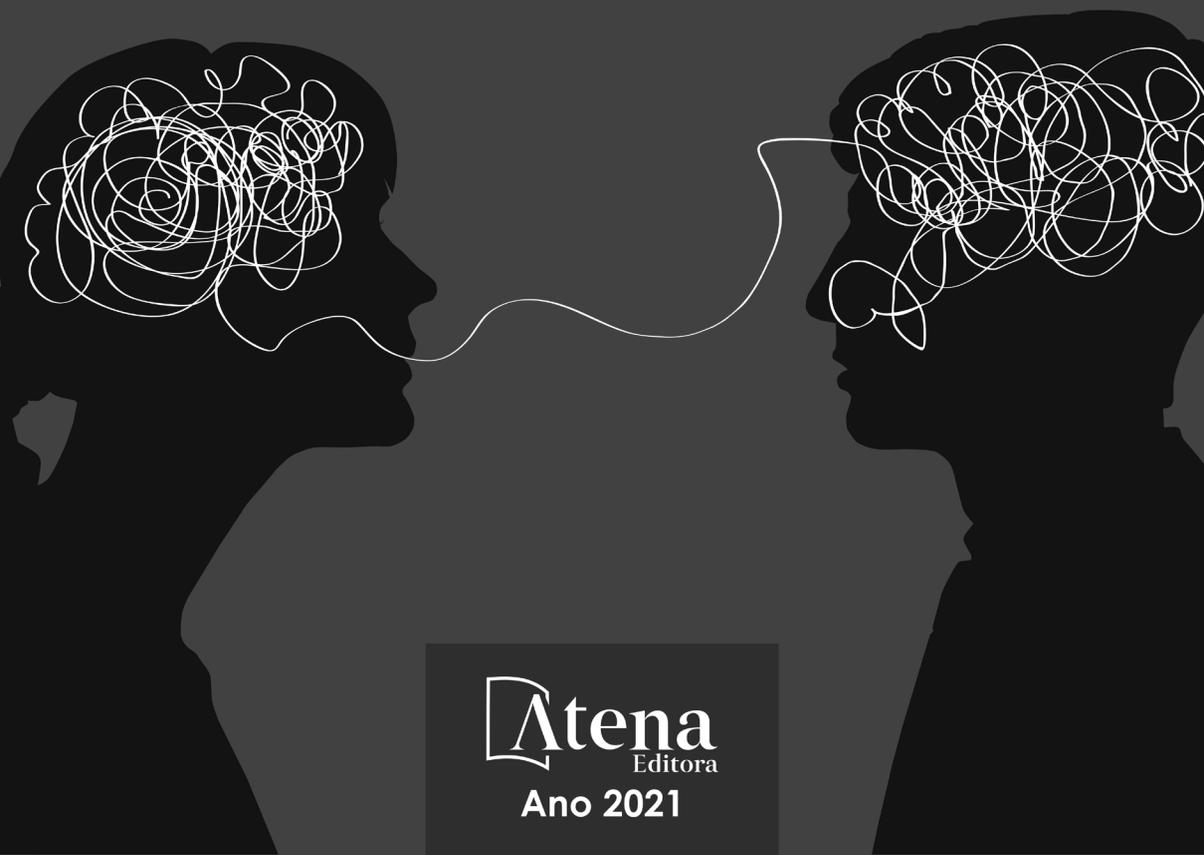


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

CAPÍTULO 1..... 1

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.4622130031

CAPÍTULO 2..... 17

MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA

Jonatha Maximiniano do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.4622130032

CAPÍTULO 3..... 25

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA *A ROSA PÚRPURA DO CAIRO* (1985), DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda

DOI 10.22533/at.ed.4622130033

CAPÍTULO 4..... 44

DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR

Elisangela Miras

DOI 10.22533/at.ed.4622130034

CAPÍTULO 5..... 50

ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Seifert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.4622130035

CAPÍTULO 6..... 66

AS ORIGENS DO *SMASH*: O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK

Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo

DOI 10.22533/at.ed.4622130036

CAPÍTULO 7..... 78

A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA

Marianna Bernartt Silva

Jorge Antonio Berndt

Valdeci Batista de Melo Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4622130037

CAPÍTULO 8	91
“MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Talita Caselato	
DOI 10.22533/at.ed.4622130038	
CAPÍTULO 9	101
A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.4622130039	
FACES DA LITERATURA	
CAPÍTULO 10	116
TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN	
Gong Li Cheng	
DOI 10.22533/at.ed.46221300310	
CAPÍTULO 11	133
O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA	
Carina Marques Duarte	
Renata Domingos Opimi	
DOI 10.22533/at.ed.46221300311	
CAPÍTULO 12	142
AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA	
Wagner Lopes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300312	
CAPÍTULO 13	154
ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA	
Maria José Pinto de Carvalho	
Daniele dos Santos Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.46221300313	
CAPÍTULO 14	173
O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE	
Monique Berwanger	
Maristella Letícia Selli	
DOI 10.22533/at.ed.46221300314	
CAPÍTULO 15	185
A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.46221300315	

CAPÍTULO 16.....	201
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH”	
Bianca de Carvalho Lopes Barros	
DOI 10.22533/at.ed.46221300316	
CAPÍTULO 17.....	208
A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE	
Erika Maria Albuquerque Sousa	
Solange Santana Guimarães Morais	
DOI 10.22533/at.ed.46221300317	
CAPÍTULO 18.....	215
O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i>	
Angeli Rose do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.46221300318	
EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA	
CAPÍTULO 19.....	229
A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.46221300319	
CAPÍTULO 20.....	240
A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR	
Lucas Bezerra Furtado	
Nara Graça Salles	
DOI 10.22533/at.ed.46221300320	
CAPÍTULO 21.....	247
PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL	
Catarina de Andrade Silva	
Helena Maria da Silva Santana	
Anabela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300321	
CAPÍTULO 22.....	261
RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Luiz Carlos Vieira Junior	
Rayssa Karoline Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.46221300322	

CAPÍTULO 23	272
IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO	
Francisca Cordelia Oliveira da Silva	
Milena Fernandes da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.46221300323	
CAPÍTULO 24	291
MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO	
Renan Silva do Espirito Santo	
Ursula Rosa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46221300324	
CAPÍTULO 25	296
MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS	
Maria Giovanna Walerko Moreira	
Felipe Bernardes Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.46221300325	
CAPÍTULO 26	300
UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA	
Victor Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46221300326	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	311
ÍNDICE REMISSIVO	312

CAPÍTULO 18

O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM *O ALIENISTA* E *A HORA DA ESTRELA*

Data de aceite: 30/03/2021

Angeli Rose do Nascimento

<http://lattes.cnpq.br/4872899612204008>

RESUMO: Este artigo apresenta um exercício de leitura crítica e comparativa sobre *O alienista* de Machado de Assis e *A hora da estrela* de Clarice Lispector, a partir do jogo ficcional identificado na narração de ambos os textos apontando tanto as peculiaridades de cada um, como as possibilidades de aproximação. Para tanto, identifica-se o tipo de narrador em cada texto, o tipo de interação com o leitor que é proposto; em seguida, delinea-se a noção de culpa como forma de fazer o leitor sentir-se comprometido com as ideias de cada um, conto e novela, respectivamente. Num movimento contrário, através da ironia introduz-se o esfacelamento dessa mesma noção de culpa, como modo de dar a ver as implicações sociais em cada contexto e época desse jogo ficcional. A chave de leitura tem no narrador do conto de Machado e no pseudo-autor –narrador da novela de Clarice a perspectiva de dar a ver o potencial de afetar o leitor implícito. Deste modo, estabelece-se um diálogo entre os textos literários em questão e alguns autores selecionados como Sigmund Freud; Ettiënne La Boétie; Walter Benjamin, entre outros de teoria literária que embasam o roteiro de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo ficcional; narrador; contação de histórias; culpa.

THE FICTIONAL GAME AND THE CONSTRUCTION OF GUILT IN THE ALIENIST AND THE TIME OF THE STAR

ABSTRACT: This article presents a critical and comparative reading exercise on Machado de Assis's alienist and Clarice Lispector's *The Hour of the Star*, based on the fictional game identified in the narration of both texts, pointing out both the peculiarities of each one and the possibilities of approach. Therefore, the type of narrator in each text is identified, the type of interaction with the reader that is proposed; then, the notion of guilt is outlined as a way to make the reader feel committed to each other's ideas, short story and novel, respectively. In an opposite movement, through irony, the shattering of this same notion of guilt is introduced, as a way of showing the social implications in each context and time of this fictional game. The key to reading has in the narrator of Machado's short story and in the pseudo-author - narrator of Clarice's novel the prospect of showing the potential to affect the implicit reader. In this way, a dialogue is established between the literary texts in question and some authors selected as Sigmund Freud; Ettiënne La Boétie; Walter Benjamin, among others of literary theory that support the analysis script.

KEYWORDS: Fictional game; storyteller; storytelling; fault.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um exercício de leitura crítica e comparativa sobre *O alienista* de Machado de Assis e *A hora da estrela*

de Clarice Lispector, a partir do jogo ficcional identificado narração de ambos os textos apontando tanto as peculiaridades de cada um, como as possibilidades de aproximação. Para tanto, identifica-se o tipo de narrador em cada texto, o tipo de interação com o leitor que é proposto; em seguida, delinea-se a noção de culpa como forma de fazer o leitor sentir-se comprometido com as ideias de cada um, conto e novela, respectivamente. Num movimento contrário, através da ironia introduz-se o esfacelamento dessa mesma noção de culpa, como modo de dar a ver as implicações sociais em cada contexto e época desse jogo ficcional.

A motivação para desenvolver tal análise adveio originalmente de uma formação realizada há muitos anos, uma especialização na obra de Machado de Assis em Literatura Brasileira, porém, o centenário de Clarice Lispector em 2020 e o fato de ter sido agraciada com o “Prêmio Internacional Machado de Assis” pela Federação Brasileira de Ciências, Letras e Artes (FEBACLA), também em 2020, foram incentivos para atualizar a produção e aprofundar alguns aspectos do estudo realizado.

2 | A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO JOGO FICCIONAL

“As crônicas da Vila de Itaguaí, dizem, que em tempos remotos vivia ali um certo médico...”(Assis: 1979,13)

Assim tem início *O Alienista* de Machado de Assis, narrativa introduzida como um contar histórias nos antigos tempos, onde o homem tinha o hábito de escutar experiências vividas e inventadas, passando horas nesse prazer. A marca da oralidade presente no fragmento (“dizem”), reforçada pela transmissão de um saber comunitário (“as crônicas da Vila de Itaguaí”), descompromissa-o com a verossimilhança naturalista e apresenta outro tipo de verossimilhança, onde se destaca a versão dos fatos e não exatamente cada fato, até por que existe uma preocupação constante do narrador em lembrar ao leitor que este estará diante de uma ficção, ou pelo menos da interpretação ficcional de realidade.

O narrador deste conto, apenas um narrador, só faz recontar o que os outros diziam: fala de fato já familiar à população de Itaguaí. Mas ao reconta-lo não o fez de modo desinteressado e torna-se um pouco autor da história narrada, se considerarmos o antigo ditado: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Este narrador, portanto, passa a refletir uma imagem de autor implícito, construída a partir das suas intromissões, ou melhor, da consideração que tem com o leitor durante sua façanha.

O leitor sabe que está lendo uma história, (“vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo anterior...”), sabe que esse narrador é um intermediário entre as supostas crônicas de Itaguaí e ele, assim com aqueles textos também o são entre os fatos e ele, leitor. Mas, mesmo assim, o ouvinte-leitor deixa-se conduzir pelo jogo do narrador-pseudo-autor-implícito, já que este sagaz narrador utiliza datas e dados históricos, sociedade e lugar reconhecidos e verificáveis pelo leitor, tais como as referências ao período

colonial, a Bastilha; a personagens bíblicos (Salomão e Mateus); à cultura clássica (Cícero, Apoloio, Tertuliano, Hipócrates); às cidades de Itaguaí, Lisboa, e Pádua; à Igreja; ao Poder Legislativo; à medicina institucionalizada; enfim, uma série de elementos que conquistam a confiança do leitor, aproximando-o do narrador e, por tabela, da diegese, de tal sorte que este leitor começa um processo de catarse. Porém, o narrador é mais senhor do texto e rompe a possível catarse, que poderia vingar, lembrando que o leitor não é mais do que isto: um leitor: “*E agora prepare-se o leitor para o mesmo Assombro em que ficou a vila ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.*” (Assis, 1979, 48)

Ao mesmo tempo em que puxa, afasta. Do mesmo modo que demonstra ter consciência de que àquela altura o leitor já se identificou com algum elemento da narrativa, no caso, a população de Itaguaí, o “coro grego”, pois não o fará com Bacamarte, devido ao seu aspecto caricatural. Acaba acometido pelo mesmo sentimento que envolveu a gente daquela cidade, e assim se nomeia como tal: leitor. Pode-se dizer que *O Alienista* cria uma imagem, também, de um leitor virtual, um leitor para o texto em especial.

Instaurado o par necessário à comunicação, o Eu/Tu, emissor e receptor, o canal está aberto para a transmissão de uma mensagem. O narrador acredita que o leitor o acompanha, por isso dirige-se a ele ao longo da narrativa com a formalidade que merece: “Agora, se imaginais que o Alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem.”

No entanto, subestima-o e duvida mesmo de que esse leitor seja capaz de captar uma filigrana sequer da alma humana. Nesta parceria, o narrador- pseudo- autor-implícito/ leitor virtual cria-se espaço para a procura de uma identidade dentro de uma sociedade. A trajetória de Simão Bacamarte metaforiza a trajetória de uma sociedade que Machado, o autor, vivenciou e tentou compreender, ou compreendeu melhor do que ninguém, procurando situar-se dentro dela. Portanto, se há a construção de um perfil de uma sociedade, há também a inserção deste leitor virtual nesse grupo, responsabilizando-o pelo narrado.

O narrador de *O Alienista* não deixa escolha para o leitor, e segue inventando uma culpa para estes dois: se o narrador tem o conhecimento da vida de Simão Bacamarte, ao ponto de revelar-nos seus pensamentos, do outro lado existe alguém que deseja saber desses pensamentos.: “ Simão Bacamarte pegou-lhe na mão, e sorriu, um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-me este pensamento: - Não há remédio certo para as dores da alma; o Rio de Janeiro , e consola-se.” (Assis, 1979, 56)

Na verdade, o que estou querendo dizer é que o texto de *O Alienista* revela uma visão de homem, o que pode ser estendido a outros textos de Machado de Assis, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Memorial de Aires*, *Dom Casmurro*, *Isaú e Jácó*. A estrutura narrativa, o jogo ficcional instaurado a partir do narrador, metonimiza a estrutura de uma sociedade, ou seja, o domínio que o narrador exerce sobre o leitor acontece este concede ao outro, assim como a tirania, que Simão exerceu em Itaguaí sobre a gente daquela cidade, aconteceu porque esta mesma população outorgou-lhe poder para tanto.

3 | A INVENÇÃO DO TIRANO

O percurso de Bacamarte em Itaguaí é delineado a partir da maior ou menor recepção do povo. Simão chega à cidade munido de saber adquirido em Coimbra e Pádua, dado suficiente para se fazer respeitar, uma vez que o Brasil colônia não dispunha de meios para divulgação de um saber, além do que o momento era muito fecundo para a ciência, pois dominava o pensamento positivista à época, doutrina que redundou no cientificismo pelo qual todos os fatos e fenômenos teriam explicações seguras e científicas.

Bacamarte radicaliza o pensamento positivista vigente no século XIX, trona-se caricatura na representação dessa doutrina. : “- A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.” (Assis, 1979,62)

O discurso irônico do narrador e o perfil psicológico de Simão evidenciam essa radicalização do pensamento do século XIX, apontando para uma relativização do positivismo e, por extensão, para um descentramento das verdades científicas.

O Alienista, ao se deter nos estudos profundos sobre a alma humana, objeto nada científico, ao contrário, mítico (a saúde da alma), e em especial sobre a loucura, não parece menos louco do que os confinados na Casa Verde. Entenda-se, aí, que Machado já trabalha com uma visão vanguardista da definição de loucura. Interpreta a atitude de exclusão do louco pela sociedade como o sintoma de uma anormalidade maior. As duas teorias pensadas por Simão Bacamarte e apresentadas ironicamente pelo narrador denunciam sutilmente que a loucura, enquanto tratada como doença, pode ser fabricada, revelando uma sociedade doente. Ora, uma sociedade que cultiva seus muitos loucos tende a ser, no mínimo, louca; pelo menos promove condições para a fabricação da loucura.

Os critérios que fazem afluir das redondezas de Itaguaí vários loucos é que são postos em questão no livro. Que verdades são estas que classificam os seres humanos em normais ou anormais? O Costa seria mais louco por ter desaparego aos bens materiais? Ou sua prima, por contar a razão mística que teria levado o primo ao desaparego das coisas? Ou a vaidade de Mateus? Não se discute aqui o desaparego, a vaidade, ou a mistificação da realidade, mas o poder de decisão que emana de Um, não de um consenso. Assim como se a verdade estivesse apenas no que a ciência estuda e acompanha:

“O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outro indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam”. (Alves,1983,107)

Em Itaguaí há inicialmente mitificação de Bacamarte. Este homem goza de prestígios e poder, a tal ponto que ele instala o terror em Itaguaí. A população, liderada também por Um, se revolta; mas mesmo depois da crise, a Casa Verde continua erguida e o Alienista

prosegue em seus estudos, mudando aqui e ali, porém, continuando a deter em seu poder a verdade da loucura:

“Este ponto da crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. O Alienista, sabendo da extraordinária inconsistência das opiniões desse vereador, entendeu que era um caso patológico, e pediu-o”. (Assis,1979,78)

A mitificação de Bacamarte, realizada pelo povo e fortalecida pelas instituições principais da cidade, a Igreja e o poder legislativo, revela a orfandade em que se encontrava Itaguaí e, por conseguinte, o Brasil. A tutela de Itaguaí concedida a Simão Bacamarte é sintoma de uma carência maior, por ora transferida a Porfírio e depois a João Pina, mas, de qualquer forma, sempre cedida a Um.

O Alienista parece vir reforçar um discurso antigo sobre a tirania de uns sobre todos os outros. O povo de Bacamarte procura um “pai” e encontra Bacamarte, por razões que o próprio século explica; a supremacia da doutrina positivista apoiada no cientificismo. Este conto de Machado de Assis quer passar também essa perplexidade diante da tirania, a mesma perplexidade que tomou conta de Etienne La Boétie, por volta de 1550, e o faz pensar seu “Discurso da Servidão voluntária”:

“Como é possível que tantos homens às vezes suportem tudo de um tirano só, que tem apenas o poderio que lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto aceitam suportá-lo? Coisa realmente surpreende (e no entanto tão comum que se deve mais gemer por ela do que surpreender-se) é ver milhões e milhões de homens subjugados e submissos, não obrigados por força maior, mas porque ficam fascinados e enfeitiçados apenas pelo nome de Um que não deveriam temer, pois ele é só, nem amar, pois é desumanos cruel para com todos eles. Tal parece ser, entretanto, a fraqueza dos homens. Que vício monstruoso é esse, então, que a palavra covardia não pode representar, para o qual falta toda expressão, que a natureza desaprova e a língua se recusa nomear?” (La Boétie,1982,69)

Mas o próprio tirano se assusta diante da servidão que toma conta do povo de Itaguaí, manipulado por Porfírio, o barbeiro, Machado, parece, vai mais fundo na complexidade do ser. Até o tirano se indaga quantos mortos teria havido no conflito. E segue aquela conversa com Porfírio repetindo algumas vezes: “onze mortos e vinte e cinco feridos”.

Se por um lado o discurso de La Boétie incitaria um povo a uma revolução, Machado; por outro lado, também desconfia dos atos revolucionários liderados por Um. Parece o autor trazer um ponto de vista anarco-aristocrata, ao sugerir, na ação revolucionária, sintomas de loucura: “Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos. Quantos à toleima dos que o aclamaram, não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos. Dois lindos casos!”.

Não há uma divisão do personagem ou da sociedade que sustenta as instituições desse microcosmo, desse Itaguaí, mas há um permanente entrecruzamento dessas visões de verdade, a oscilação da verdade científica mostrada por Machado confere à ciência um lugar duvidoso na história da humanidade. Deste modo, podemos pensar acompanhados de G. Myrdal quando pensou “A ciência nada mais é do que o senso comum refinado e disciplinado”.

A ciência, como produto do desenvolvimento do raciocínio do homem, é criação do homem, portanto, faz parte das fantasias do homem. Uma vez fantasia, só lhe resta atingir a fantasia coletiva, para que seja, então, reconhecida como verdade. Claro que o texto de Machado se refere diretamente à psicologia, ciência que procura os motivos ocultos para justificar a conduta humana diante dos fatos, porém, isto pode ser ampliado para qualquer conhecimento adquirido pelo homem que o faça esquecer-se de sua espécie.

O Alienista é o alienista não só porque veio de fora para a incoerente Itaguaí, mas também porque se aliena do Outro, não enxerga o Outro, e sonhando apenas com o brilho próprio, passa a ser sombra de si mesmo – como “seus” loucos, como os loucos de todos os alienistas, alienados de si mesmos, sombras de um desejo perdido. Seu sonho é maior que ele, portanto, encobre-o. Este conto vem mostrar-nos o ridículo a que pode chegar o homem quando não percebe, no seu sonho, apenas isto: um sonho. Cabe então pensar a ciência também a partir de Frederic Nietzsche, filósofo alemão (1844-1900): “A ciência pela a ciência é a última cilada que nos arma a moral – e é presencialmente essa que envolve a todos inextricavelmente em sua rede”.

4 | A (DES) INVENÇÃO DE UMA CULPA

Desde o começo Bacamarte mostrava a sua vocação para o lugar do Pai, mostrava a sua vocação para o lugar de Pai, do ponto de vista simbólico e psicanalítico. Cabe ressaltar que na Psicanálise, o Pai é a figura de interdição e de autoridade, a “lei”, grosso modo. E num contexto em que a ciência é positivada até o extremo em que o Cientificismo torna-se a lei e a palavra de ordem, nada mais coerente para tal racionalidade que o representante da “lei” seja assim reconhecido e respeitado. É nesse “lugar” social que Simão Bacamarte, aquele que queria filhos perfeitos, entretanto, o povo da Vila de Itaguaí lhe concede esse lugar de “lei”, aceitando ser internado na Casa Verde e invertendo a ordem social de maneira que a vocação popular para “Filho” é evidenciada.

Essa inversão nada mais é do que a indicação da impossibilidade de atingir a perfeição pelos outros, a população, assim, tudo é permitido desde que ele, Bacamarte, não perca essa função de autoridade e de Pai. Na matéria de Sigmund Freud há elementos de que em seus escritos aponta-se para que o Pai é Deus glorificado, ora, se tanto é verdade, o tirano será um “Pai” dessacralizado, profano e profanado. E nesse sentido a construção narrativa de Machado de Assis está à frente de seu tempo, pois sua ironia ocorre tanto

pela inversão de estruturas como pela preservação de papéis de fácil reconhecimento, causando a falsa impressão de que tudo irá para o seu lugar, em, no entanto, isto de fato ocorrer.

O leitor virtual de *O Alienista* tem vocações para “filho” e passa a se culpar, uma vez identificado com o povo de Itaguaí e não com Bacamarte, pois o narrador a ele se refere como “o nosso ilustre médico”, o “nosso grande homem”, portanto, se incluindo e ao leitor virtual de seu texto, através do pronome possessivo reiterado, como elementos da massa que sustenta a tirania, saciando a necessidade do “Pai” de exercer seu poder sobre os outros.

Se o texto de Machado suscita no leitor uma possível culpa diante da condição humana ali expressa, se um provável pessimismo e desesperança pode tomar conta do leitor, ao identificar-se com o leitor virtual do conto e com tamanha mediocridade humana, a vocação para “filho”. Assim, Machado ao mesmo tempo esfacela essa culpa, dividindo-a, no texto, com Simão, o povo e as instituições; e na vida, entendendo que a culpa também será, afinal, uma fantasia, coisa inventada – mas que pode ser desinventada.

Há, portanto, um processo de invenção da culpa, culpa essa gerada pela imobilidade do ser humano diante da exploração, evidenciando uma potencialidade para tiranos e servos em todos nós. Mas acontece também através da linguagem a desinvenção dessa culpa, pois o que foi narrado é ficção, é narração, e não realidade imediata.

5 | É CULPA DAS ESTRELAS (?)

Os “Podres poderes” de Itaguaí reverberam agora. O poeta Caetano Veloso se indigna e explicita a indignação que toma conta de si: “Será que nunca faremos senão confirmar/a incompetência da América católica /que sempre precisará de ridículos tiranos?”. Também em nós (*faremos*) o poeta manifesta de forma inclusiva a responsabilidade pela presença de tiranos na América do Sul, principalmente. Assim, os podres poderes poderosamente apontam para a possível perda do homem, o poder. A palavra em Caetano Veloso é eco e repetição, assim como a história na América Latina tem sido eco e repetição nesse campo político e social. Por via dessa indignação chegamos a *A Hora da Estrela*. Talvez, a hora de fazer brilhar uma luz que aponte a podridão das relações sociais em determinados contextos.

Então, aliviado daquela culpa construída, inventada e desinventada pelo jogo ficcional em *O Alienista*, partindo para a leitura da novela de Clarice Lispector podemos perguntar o que o leitor encontra nessa chave de leitura que toma a noção de culpa como manifestação da relação entre leitor e texto? Pode-se dizer que novamente um processo semelhante de construção de culpa pelo fato ficcional.

No texto de Clarice Lispector também identificamos um narrador, contador de histórias. Porém, ele não se mostra apenas narrador, ele assume claramente o papel

do escritor e se dá nome, forma e origem como Rodrigo S.M., “homem barbudo” com infância passada no Nordeste. E se considerarmos como muitos que “a pátria verdadeira é a infância”, talvez, por isso Rodrigo olhe para a nordestina Macabéa, isto é, preste atenção nela e dela faça seu personagem-alvo.

Num processo comparativo e de breve cotejamento podemos identificar um narrador irônico que denuncia ao longo do conto a inutilidade de uma retórica vazia encontrada em situações sociais que a Vila de Itaguaí dramatiza: “Um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apoleio e Tertuliano”. (Assis, 1979,89)

Já em Clarice Lispector na novela em questão, *A hora da Estrela*, o narrador quer e propõe uma narrativa simples, despojada de “termos suculentos”; não vai enfeitar a palavra para que a palavra seja ela mesma. Não há no texto recorrência explícita a qualquer eruditismo, porém, a contradição entre uma personagem datilógrafa semianalfabeta e seu criador, um narrador-pseudo-escritor, condição possível às classes dominantes, denuncia a divisão em classes do ser humano.: “Meus antecedentes de escritor? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome”.

E por isso mesmo culpado por essa realidade imaginada que coloca no papel. Os vários títulos possíveis indicam o clima culposo projetado ao longo da narrativa e dividido com o leitor, porque também acreditava nele. É cabível entrever uma “arquitetura” linguística em que frases aparentemente aleatórias abrem o livro *A hora da Estrela*, o que torna interessante avaliar que a novela transborda do texto compacto, sendo delimitada do título ao ponto final, passando pelo suposto sumário que aqui reproduzimos a título de produzir a visualização tipográfica sugerida na novela (Lispector, 1984,8):

“A CULPA É MINHA
ELA QUE SE ARRANJE
ELA NÃO SABE GRITAR
EU NÃO POSSO FAZER NADA
SAÍDA DISCRETA PELA PORTA DOS FUNDOS”

O importante ponto em comum que se pode observar nos dois textos, o de Machado de Assis e o de Clarice Lispector, é a visão do homem como espécie e não como indivíduo com personalidade X. Aí que Machado ironiza a psicologia; e Clarice defende o ser e não um ser.

A palavra “indivíduo” passa a marcar outro sentido para eles. Não é indivíduo, uno, indivisível, solitário, enxergando apenas o “eu”, e, sim, o (in)divíduo, - divíduo; divisível porque possui todos os outros seres em si. Machado fala “o nosso grande médico”, porque o pronome possessivo, como já indicado anteriormente, inclui-nos a todos e todas como potencialmente “grandes médicos”, ou seja, como tiranos também. Já Clarice Lispector explicita acerca da veracidade da sua história: “que cada um a reconheça em si mesmo

porque todos nós somos um...”, ou ainda sobre a latência de tais figuras em todos nós, “o que escrevo, um outro escreveria”. E segue ironizando: “Um outro escritor sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. E, no entanto, não podemos deixar de lembrar de imediato que Clarice é uma mulher que escreve tal história. Aliás, essa secundarização do indivíduo, enquanto “eu” vai ensaiada em *Paixão segundo G.H.*; ali, do mesmo modo a escritora não quer ligações com a psicologia: “O olhar psicológico nunca me interessou...sou tão maior do que aquilo que eu chamava de eu...”.

O chamamento do leitor para enxergar a culpa que o responsabiliza pelos destinos dos homens é iniciado pela identificação criada entre narrador-pseudo-escritor e personagem. Ele criou Macabéa “à sua imagem e semelhança”. Ele a criou. Mais do que ele, Maca é um alter-ego, ou uma extensão de seu criador, o desenvolvimento de uma possibilidade de ser. Assim como a ficção é um real imaginado e possível de acontecer. Portanto, Clarice também rompe com a verossimilhança, ao explicita a criação dessa personagem, embora ela possa “estar tão viva quanto eu”. Essa identificação de Rodrigo S.M. com Macabéa, esse alter-ego criado, é que abre espaço para o narrador se ver: “Vejo a nordestina se olhando no espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos inter- trocamos.” (Assis, 1984,59)

Por tabela, o leitor se identificará também com Maca, levado a identificar-se junto com Rodrigo S. M. Primeiro exteriormente, o narrador se garante de dados históricos e pertencentes ao mundo real. Ele familiariza, aproxima a narrativa do leitor-virtual, citando o “patrocinador” dessa história, a *Coca-Cola*, introduzindo a categoria “tempo” pela rádio-relógio, ouvida por Maca; e situa o narrado no Rio de Janeiro de modo a utilizar o fenômeno social muito comum no nosso tempo, o êxodo rural, pois os nordestinos que vêm para a cidade grande num ambiente urbano e diverso daquele, à procura da felicidade. Enfim, puxando pela memória do leitor, para que este reconheça nesta novela a história de si mesmo, nem que seja por se encontrar na classe social do personagem-pseudo-escritor, marcando presença da cultura dominante, ou da classe mais alta, podendo ainda identificar-se por estar ao lado de Macabéa. De qualquer maneira, acaba-se em um processo de identificação.

Embora aqui também o narrador duvide da sensibilidade do leitor-virtual, como em Machado: “Não estão me entendendo e eu ouço escuro que estão rindo de mim”. No caso de Rodrigo S. M., este estabelece no ato de escrever a abertura para a possibilidade de comunicação com o leitor, procurando, inclusive, “usar as palavras que vos sustentam”.

Com isso, através do abuso da função fática, acredita que o leitor o acompanha e ama, sofre se culpa e se pergunta junto com ele: “Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa humana?”. E ainda outra pergunta mais provocadora: “Não sou escritor? Na verdade, sou mais ator porque com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto”. E continuando nessa indagação infundável, porque o livro é uma grande pergunta, depois de

matar Macabéa, ele se volta para si mesmo e pergunta: “Até tu, Brutus?”

Nessa linha de se utilizar o recurso da função fática, Machado de Assis é mestre. Vejamos em *Dom Casmurro* o que o narrador elabora estrategicamente em relação ao leitor implícito: “Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um duo tecnicismo, depois um trio, depois um quatro... Mas não adiantemos; vamos à primeira parte, em que eu vim a saber que já cantava, porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou.” (Assis,2006,93)

Tanto em *O Alienista* quanto em *A hora da Estrela* não importam os fatos, mas a coloração que estes fatos podem tomar. Poderíamos precipitadamente reduzir o conto de Machado a apenas um momento da história de Itaguai, à trajetória de um médico naquela pequena cidade, assim como na novela de Clarice Lispector, à vida da nordestina no Rio de Janeiro. Mas as narrativas suplantam os fatos, pois estes são para Clarice definíveis e banais. Assim, o que interessa é o “sussurro dos fatos”, pois “os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona”, esclarece. Qual um investigador policial a atenção voltada para os detalhes ou entrelinhas, para aquilo que pode ser desconsiderado pelo senso comum, ou tal qual um historiador que precisa “escovar a história a contrapelo”.

Aquilo que os fatos podem revelar sobre a condição humana, isso é o que importa para tais escritores, Machado e Clarice e, claro, suas criaturas. Por isso, acompanhar a miséria, a falta de luz, a relação que a personagem estabelece com o mundo são importantes na medida em que revelam possíveis comportamentos do homem, portanto, suas potencialidades: “Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço”. É a questão chave do texto de Clarice para envolver e comprometer o leitor implícito e assim produzir a identificação e posterior catarse sobre uma culpa construída acerca da realidade nordestina, mas que poderia ser da humanidade abandonada a própria sorte.

É também a questão chave da Literatura: criar outros mundos possíveis, ou indicar, sugerir o que poderia ter sido, sendo diferente do que a feição dos fatos foi apresentada num primeiro momento. Literatura é potência porque traz em si, em cada palavra em estado poético toda a força do que pode ser forjado nas relações e interações humanas imaginadas, até aquelas que as crenças limitantes evitam fabular. Nesse sentido, encontramos o aspecto clínico do fato literário, pois ele confronta uma vez elaborado o dado inaugural que cada texto introduz no imaginário leitor.

De desvio em desvio, de versão em versão, Macabéa inicia sua trajetória como figura opaca, franzina, com fome (“alguém tira seu brilho e seu pão”), pois Rodrigo S.M. começa a narrativa falando mais de si mesmo do que dela, enxergando mais o próprio ego. Porém, a importância (o brilho) da nordestina vai crescendo à medida que o narrador-pseudo-escritor

escreve mais sobre ela, deixando chegar o momento máximo para enxergá-la (iluminá-la), a “hora da estrela”, isto é, o momento da “transfiguração” de humana a astro celeste, estrela. Essa condição celeste é interessante porque é destituída de qualquer valor religioso, ela vai para o céu como é comum se dizer às crianças, por exemplo, para explicar a condição de ausência pela morte de alguém, entretanto, essa subida aos céus sugerida introduz o mundo paralelo ao terreno, desencarnado, porém com forma definida, a de uma estrela. E por quê? Porque a “morte parece dizer sobre a vida”, assevera a narrativa clariciana. Foi preciso olhar o outro para que se pudesse ver a espécie: “Meu Deus, só agora me lembrei de que a gente morre, Mas eu também?!”. A surpresa e a perplexidade do narrador são equivalentes ao susto que o tirano de Machado tem sobre a realidade da população de Itaguaí que confere a ele tanto poder. Tais situações falam de um absurdo real e de difícil aceitação pelo humano na relação com o poder sobre a vida, um falso poder.

Rodrigo S. M., além de apaixonado por sua criação – “só eu a acho encantadora e a amo” -, é também medroso, adiando por páginas a morte de Maca. Sente-se culpado pelo destino dado a ela, e isso inclui perceber que costumamos ter medo do novo quando este representa o desconhecido. Macabéa é revelação - é epifania. Ela não nos é dada, tampouco ao narrador. Ela é a revelação consequente de uma descoberta, viabilizada pela morte da personagem. Sendo assim, o medo deste narrador é o medo-leitor do que possa se lhe apresentar à frente, o medo desse final grandiloquente anunciado por Rodrigo. No entanto, também é um final que desnuda e aponta o medo que os adultos passam a ter, quando crescem, cientes das dificuldades que a vida impõe. O medo de falar de suas fantasias para o outro. Talvez por isso os dois textos, o de Machado e o de Clarice, tragicamente façam um jogo com o leitor e “brinquem” com ele ao dramatizarem a morte e a loucura. Nesse sentido, em ambos, o tom conversacional é o recurso sugestivamente terapêutico para que através da leitura o leitor possa conhecer melhor a si mesmo, reafirmando a dimensão clínica da palavra em condição de literatura.

6 | A BRINCADEIRA DO JOGO FICCIONAL

Sigmund Freud em sua obra registra acerca do brincar na vida adulta e a função desse ato na condição humana:

“Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade nunca renunciamos a nada, apenas trocamos uma coisa pela outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais, em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios. Acredito que a maioria das pessoas construa fantasias em algum período de suas vidas. Este é um fato a que, por muito tempo, não se deu atenção, e cuja importância não foi, assim, suficientemente considerada.”(Freud,1974,287)

Ao brincar com o leitor-interlocutor, o texto demonstra que cria fantasias, assim como a culpa: “eu sou culpado, mas de quê?”. Este sentimento de culpa, tal qual o mito, imobiliza o ser, inibe o seu pensamento. Assim é que os dois narradores, de Machado e de Clarice esfacelam suas culpas, lembrando aos leitores de que tudo o que foi narrado é apenas ficção e, como tal, não se supera, não supera a vida. Imagina a vida, mas não a vive.

Depois da invenção da culpa criada no leitor-virtual por aproximação insistente do narrador-autor que a carrega, Clarice desinventa e esfacela a culpa pela vida miserável da(s) nordestina(s), pela morte solidária de personagem, e divide essa fantasia com os outros personagens (Glória, Olímpico, o chefe do escritório, as amigas do quarto, a cartomante), dominados, dominadores e oportunistas que se beneficiam dos dois lados, como Madame Carlota. Entretanto, todas essas figuras humanas são também potencialidades do “eu”; tanto o são que existem. Rodrigo S. M. também reparte o sentimento de culpa com o próprio ato de escrever, uma vez que este foi o veículo da revelação. E ao incluir a ficção como corresponsável pela culpa criada no leitor, ele dissolve e evapora, quase que magicamente: “Silêncio... O final foi bastante grandiloquente para vossa necessidade?”. Sacode o leitor e chama-o a si, lembrando-o de que isso é uma história que está chegando ao fim..

Se Macabéa morre, o narrador morreu junto, assim como o leitor, no entanto, a morte foi um instante necessário, fecundo, gera (dor) da liberdade e, portanto, libertador de Macabéa – “Ela estava enfim livre de si e de nós” – livrando, simultaneamente, o leitor dessa culpa e a ficção de uma missão: A de ser bandeira para alguma qualquer reivindicação. O narrador livra-se do peso de certo realismo naturalista-engajado: “E quero aceitar minha liberdade sem pensar o que muitos acham: que existir é coisa de doido. Caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico.”(Lispector,1977,36)

7 | CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

Embora *A hora da Estrela* construa um microcosmo ficcional bem próximo de uma realidade social do nosso tempo, não é projeto prioritário do livro a indagação e resolução da miséria nordestina, ao contrário, esse pequeno mundo que é o Rio de Janeiro mostra-se metonímia de uma miséria maior. Clarice universaliza a questão da existência da miséria e a amplia para uma miséria interna que parece residir no homem. Ao largo disso, persegue um alvo, o de atingir a palavra como palavra, tendo que parecer com palavra: “Atingi-la é o meu primeiro dever comigo.” Assevera o narrador.

Enquanto Machado usa a loucura para falar da insensatez humana, levando seus personagens ao ridículo; Clarice usa a razão para também falar da insensatez. Machado: sutil, veladamente; Clarice, mais explícita, apaixonada. O isolamento dos dois personagens, Bacamarte e Macabéa, não responde às perguntas dos livros, não revela a identidade verdadeira do homem, apenas algumas facetas da espécie: Simão, o tirano; Macabéa, o servo.

A ironia que perpassa os dois textos em questão critica o lugar comum que as coisas e as situações passam a ocupar quando esvaziadas dos sentidos originais. A presença deste kitsch em *O alienista* e em *A hora da Estrela* vem reforçar a tentativa de compreensão acerca da condição humana. O kitsch, enquanto estilo de vida ou modo de relação com os objetos que faz o indivíduo aceitar o meio-termo e contentar-se com o lugar próximo do belo, denuncia a prostração e a alienação do ser ante seu desejo e sua potencialidade existencial. Aponta a existência do desejo, porém, revela tendência para a acomodação e para a imobilidade. A alienação de um “eu” perante espécie é objeto da observação dos dois narradores. Tanto o tirano, como subserviente Macabéa são formas de alienação. Abraham Moles em seu estudo clássico sobre o Kitsch comenta: A alienação constitui um traço essencial do Kitsch. Manifesta-se como uma soma de alterações globais das atitudes componentes.”

A estranha vocação que o ser apresenta para assistir a certos espetáculos parece mostrar-lhe que todos somos capazes para tudo, por isso culpados por tudo. Contudo, enquanto esta culpa estiver criada na ficção, ela não passa de imagem: possível, mas imagem. Se os dois livros são perguntas, a resposta cabe a nós, leitores. Afinal, “*sentir?/ Sinta quem lê!*”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e a suas regras**. Rio de Janeiro: Edições Loyola; 19ª edição, 2000.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. LEITE Neto, A.; CECÍLIO, A. L.; JAHN, H. (Orgs.). 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.

_____. **Dom Casmurro**. São Paulo: Sol, 2006.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

_____. **O Alienista**. São Paulo: Editora Ática. 1979.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antônio (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. Trad. Laymaert G. dos Santos, 2º edição. São Paulo: Brasiliense, edição bilingue. 1982.

LEITA, Lígia Chappiani Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 3ª. Ed. 1985.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: José Olympio, 5ª. Ed., 1977.

_____. **A hora da Estrela.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 7ª.ed., 1984.

MOLES, Abraham. **O Kitsch.** São Paulo: Perspectiva, 2ª. Ed., 1975.

NIETZSCHE, Frederic Wilhelm. **Além do bem e do mal.** São Paulo: Hemus, 1981.

PESSOA, Fernando. **Poemas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª ed., 1985.

SHWARZ, Roberto. **Os pobres na literatura brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

VELOSO, Caetano. **Velô.** Rio de Janeiro: Philips-Polygran Discos, 1984.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

D

Distanciamento social 291, 292

E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

F

Formaçon inicial de professores 261, 265

G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

J

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

L

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

M

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

N

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

P

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021